

Santa Barbara Portuguese Studies, 2nd Ser., Vol. 10

## **MODERNISMO: 100 ANOS**

Setembro 2022

### **APRESENTAÇÃO**

Ivan Francisco Marques  
Universidade de São Paulo

O Modernismo brasileiro, do qual se comemora agora o centenário, não se restringiu à Semana de Arte Moderna, marco inaugural e incipiente, ocorrido em São Paulo, em fevereiro de 1922, mas se desdobrou, por várias décadas, em numerosas contribuições, num processo vivo e dialético. O impulso criativo e a radicalidade crítica do movimento constituíram um dos pilares da cultura brasileira moderna. Ao mesmo tempo, o Modernismo desencadeou uma profusão de balanços e revisões críticas, que têm evidenciado igualmente seus impasses, limites e contradições. Esse longo debate parece mesmo constituir um de seus principais legados. É o que atestam os ensaios reunidos nesta edição da Santa Barbara Portuguese Studies, empenhados numa reflexão arejada e atualizada sobre o Modernismo e suas vozes mais expressivas, bem como no estudo dos seus desdobramentos e recepção crítica em um século de existência.

O primeiro bloco, composto por quatro artigos, se insere diretamente no campo da historiografia e da crítica. Em “A semana e o século: o longo Modernismo brasileiro em perspectiva histórica”, Marcos Napolitano analisa os diversos caminhos da busca de uma expressão moderna para a cultura do país, ciclo que se estendeu dos anos 1920 até o decênio de 1970. Reflete também sobre a contestação do Modernismo por parte de setores do pensamento de esquerda, na esteira da derrota dos projetos “nacional-populares” e após a eclosão do Tropicalismo. Este é entendido como “última vanguarda” que, além de retomar o movimento modernista, teve contraditoriamente a função histórica de colocar em xeque “o lugar da brasilidade e do seu arauto, o intelectual público, como guias da ação cultural”.

O Manifesto antropófago e a história de sua recepção são o tema do ensaio “Redesigned Cannibal Modernity between Rescues and Kidnappings”, de Paulo Moreira. Quatro momentos são revisitados: o lançamento do manifesto na Revista de Antropofagia, em 1928; a retomada da obra de Oswald de Andrade pelos poetas concretistas na década de 1950; o movimento tropicalista, que se manifestou em diversas formas artísticas a partir de

1967 e da montagem de *O rei da vela* pelo Teatro Oficina; e a Bienal Internacional de Arte de São Paulo que, em 1998, prestou homenagem à Antropofagia. Segundo o articulista, a recepção do pensamento oswaldiano “is the story of a change from oblivion to a cultural centrality that is unique among twentieth century avantgardes”.

Estudiosa do Tropicalismo, Patrícia Anette Gonçalves, no ensaio “Onde entra o antropófago? Crítica literária e recepção do Tropicalismo”, examina os principais artigos publicados sobre o assunto nos anos 1960 e 1970, tendo em vista o estabelecimento da conexão entre o movimento liderado por Caetano Veloso e a obra de Oswald, proposta inicialmente por Augusto de Campos. “Que papel a crítica literária desempenhou para que o Tropicalismo se tornasse um quase desdobramento da Antropofagia, e esta, como hoje a conhecemos, uma quase invenção daquele?”, pergunta-se a pesquisadora.

Por sua vez, Leandro Pasini investiga a reconfiguração teórica do ideário antropofágico, ocorrida a partir do final da década de 1970, no artigo “A Antropofagia e o corpus: discurso teórico, historicidade das obras e a posição de Raul Bopp”. Nos textos escritos por Haroldo de Campos e Silviano Santiago, o autor identifica o esforço de transformar a Antropofagia em “versão original do pós-estruturalismo francês, de base latino-americana”, desconectada de suas origens. Por fim, retorna ao grupo modernista e à poesia de Raul Bopp para propor que a Antropofagia, constituída por um corpus concreto de obras singulares, seja estudada em sua historicidade própria.

Os dois artigos seguintes tratam da cidade de São Paulo e de suas figurações literárias diretamente vinculadas à vanguarda dos anos 1920. Em “São Paulo, metrópole de fachada: Modernismo e sociedade arcaica nos contos de Brás, Bexiga e Barra Funda (1927), de António de Alcântara Machado”, Bruno Zeni analisa as contradições entre a prosa inovadora do escritor paulista e a condição social dos personagens ítalo-brasileiros que figuram nas narrativas, marcadas pela ironia e pela negatividade. “Por detrás da propalada objetividade e da feição de fachada da metrópole que se moderniza, os contos de Alcântara Machado riem da permanência do Brasil arcaico numa cidade desigual e dissimulada”, conclui o autor.

Já o ensaio de María Pape, “Cine y masas: una novela le responde a las sinfonías de la ciudad”, põe em evidência a presença do cinema no romance *Parque industrial*, publicado em 1933 por Patrícia Galvão, não apenas como símbolo moderno e fonte de inspiração formal, mas como “una manera de interpelar a las masas, mayoritariamente femininas, y una forma de presentarlas”. Tal figuração das massas é entendida ainda como uma intervenção no cinema brasileiro, com vistas a propor uma abertura dos filmes à

realidade social. Em contraste com o eufórico e elitista documentário *São Paulo: A sinfonia da metrópole*, de 1929, o retrato da cidade construído por Pagu é visto como “una crítica corrosiva de la élite, revelando que, para las capas populares, el capitalismo no trae progreso, sino miséria”.

Na época do aniversário de 30 anos da Semana de Arte Moderna, Carlos Drummond de Andrade fez um balanço do Modernismo e de sua geração literária numa série de palestras radiofônicas, focalizadas por Gabriel Provinzano no ensaio “Tempo vida poesia: as quase memórias drummondianas entre o passado e o presente”. Articulando a experiência modernista de juventude ao contexto do pós-guerra, o testemunho do poeta mineiro teria precipitado, na opinião do autor, uma meditação mais ampla sobre os rumos da modernidade no Brasil, que também servia de resposta ao formalismo da década de 1950. Nesse contexto, “o movimento modernista era invocado, não como efeméride ou comemoração, mas, pelo contrário, como questão premente a ser atualizada por uma reflexão difícil e angustiada”.

Para além da memória pessoal e da origem geográfica, o ensaio de Clara Rowland, intitulado “Onde os sinos: fantasmagorias acústicas em Bandeira e Drummond”, procura mostrar como, através da figura recorrente do sino, os dois poetas encenam uma spectralidade sonora determinante para a caracterização de suas palavras poéticas. Segundo o argumento da ensaísta, o sino, repercutindo como ausência, “oferece à poesia sobre a memória de Drummond um dispositivo com implicações distintas daquelas com que esta mais se identifica: o retrato, a fotografia”. No caso de Manuel Bandeira, cujo lirismo memorialístico é marcado por uma poética da repetição, “o presente ressoa apenas na medida em que rima com um passado em que o poema, forma muda, se escreve como som”.

Na sequência, o principal líder e mentor do movimento modernista é visto sob um ângulo inusitado no ensaio “A sexualidade de Mário de Andrade: ‘Ninguém o saberá jamais’”, de César Braga-Pinto. O ponto de partida é *Amar*, verbo intransitivo, que o autor considera um romance “esquisito e queer”, tanto em sua estrutura narrativa como no tratamento da sexualidade. A leitura proposta relaciona o livro intransitivo e “onanista” ao tema do “sequestro” e ao polêmico “segredo de Mário”, que teria sido revelado em 2015 com a publicação de uma censurada carta a Manuel Bandeira, mas que, na opinião do autor, “não deixa de permanecer tão sequestrado quanto intraduzível”.

Os dois textos seguintes discutem as relações do Modernismo com a temática negra e o debate racial. Em “Os poemas negros de Raul Bopp”, Vera Lúcia de Oliveira analisa a obra *Urucungo*, na qual o poeta, “recuperando aspectos da história brasileira menos

frequentada pelos modernistas”, aborda de modo crítico e original a presença dos negros no Brasil e sua vida trágica em séculos de cativeiro, o que o tornaria, na concepção da autora, um precursor de tendências que marcariam posteriormente a luta pelo reconhecimento das culturas africanas.

Desses movimentos pioneiros, o mais destacado foi o Teatro Experimental do Negro, fundado por Abdias do Nascimento — tema do ensaio de Luís Madureira, intitulado “Theatre, Négritude and the Performative Unmasking of Brazil’s ‘Blackface Modernism’”. De acordo com Madureira, uma dupla lacuna teria sido preenchida pelo grupo, que surgiu em 1944, motivado pela indignação de Nascimento com a exclusão dos negros no teatro, “in the light of the conspicuous lack of theatrical innovation and an almost complete absence of direct participation and intervention of Afro-Brazilian artists in the Brazilian modernist movement”.

Por fim, uma leitura do Modernismo enformada por uma perspectiva feminista é oferecida por Luz Horne no artigo “Todas somos el Abaporu: Notas sobre ‘A menor mulher do mundo’ o sobre el eco-feminismo-menor de Clarice Lispector”. No Brasil do pós-guerra — palco de um grande projeto modernista cujo ápice foi a construção de Brasília —, a obra clariciana, como sugere a ensaísta, alterou a escala natural do humano, à maneira de Tarsila do Amaral, e recuperou a radicalidade da Antropofagia “pero ya no solo como fuerza anticolonialista y antinacionalista sino también como potencia feminista”. Entendida pela autora de Laços de família como lugar do menor, a mulher, nas palavras de Horne, “se opone al modernismo monumental, evolutivo y del progreso, pero no como un espejo invertido, sino mostrando su revés, exponiendo su lado oscuro y inescrutable”.

A história do Modernismo brasileiro é constituída, portanto, por inúmeras histórias, obras, agentes e movimentos. Espero que os ensaios aqui reunidos, trazendo olhares, métodos e fundamentos teóricos diversificados, ajudem a refletir mais profundamente sobre essa densa variedade cultural. Agradeço aos pesquisadores, oriundos de instituições do Brasil, dos Estados Unidos, de Portugal, da Itália e da Argentina, que gentilmente enviaram suas colaborações, e aos colegas da University of California, Santa Barbara, que me convidaram para organizar este dossiê. Desejo a todos uma ótima leitura.

**Ivan Francisco Marques** é professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo e pesquisador do CNPq. É autor de *Cenas de um modernismo de província: Drummond e outros rapazes de Belo Horizonte* (Editora 34, 2011), *Modernismo em revista: estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920* (Casa da Palavra, 2013) e *João Cabral de Melo Neto: uma biografia* (Todavia, 2021), entre outros livros. Tem diversos artigos publicados sobre o Modernismo, a poesia brasileira moderna e as relações entre literatura e cinema no Brasil.